A HISTÓRIA COMO REPRESENTAÇÃO: ENTREVISTA COM HANS KELLNER

Felipe Radünz Krüger[*]

RESUMO

Este texto apresenta e publica uma entrevista realizada com o historiador e teórico da história Hans Kellner, em 28 de outubro de 2016. A partir de sua trajetória intelectual, examinam-se alguns dos principais problemas que estruturaram sua produção, especialmente as relações entre linguagem, narrativa, retórica e representação histórica. Formado inicialmente no campo da história intelectual, Kellner aproximou-se de Hayden White ainda na University of Rochester, encontro que contribuiu decisivamente para o deslocamento de seus interesses em direção à análise da escrita da história e das formas de representação do passado. A entrevista percorre sua relação com o giro linguístico, a permanência de seus efeitos na teoria da história, os debates com Frank Ankersmit, Ewa Domańska, Berel Lang e outros autores, além das discussões sobre sublime, experiência histórica, trauma, materialidade, retórica e ética da representação. Também evidencia a amplitude dos objetos mobilizados por Kellner, que vão da historiografia e da representação do Holocausto às narrativas audiovisuais, aos jogos digitais e ao uso de *Pokémon Go* em espaços de memória. Argumenta-se que, mais do que um representante circunstancial do narrativismo, Kellner desenvolveu uma reflexão continuada sobre os modos pelos quais diferentes formas, linguagens e suportes tornam o passado historicamente legível.

Palavras-chave: Hans Kellner; representação histórica; giro linguístico; narrativa; teoria da história.

ABSTRACT

This text introduces and publishes an interview with historian and theorist of history Hans Kellner, conducted on October 28, 2016. Drawing on his intellectual trajectory, it examines some of the central problems that have shaped his work, especially the relations between language, narrative, rhetoric, and historical representation. Initially trained in intellectual history, Kellner encountered Hayden White at the University of Rochester, an experience that decisively contributed to redirecting his interests toward the analysis of historical writing and the forms through which the past is represented. The interview addresses his relationship with the linguistic turn, the persistence of its effects in theory of history, his debates

[*] Pós-doutorando em História na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: feliperadunz@gmail.com.

with Frank Ankersmit, Ewa Domańska, Berel Lang, and other scholars, as well as questions concerning the sublime, historical experience, trauma, materiality, rhetoric, and the ethics of representation. It also reveals the breadth of Kellner's objects of inquiry, ranging from historiography and representations of the Holocaust to audiovisual narratives, digital games, and the use of *Pokémon Go* in memorial spaces. The text argues that, rather than merely representing a particular moment of narrativism, Kellner developed a sustained reflection on the ways in which different forms, languages, and media make the past historically legible.

Keywords: Hans Kellner; historical representation; linguistic turn; narrative; theory of history.

Apresentação

Hans Dodds Kellner[1] ocupa uma posição singular na teoria da história das últimas cinco décadas. Formado em História em Harvard, em 1966, e doutor pela University of Rochester, em 1972, iniciou sua carreira no terreno da história intelectual europeia, pesquisando o pensador social francês Frédéric Le Play. A inflexão decisiva ocorreu quando a convivência com Hayden White - primeiro em Rochester e, depois, de maneira mais próxima, em Wesleyan – tornou incontornável uma pergunta que o acompanharia daí em diante: se o historiador conhece o passado por meio de textos, formas, figuras, argumentos e narrativas, como continuar tratando a linguagem como recipiente neutro para conteúdos previamente dados? A entrevista publicada a seguir é valiosa justamente porque permite acompanhar essa mudança narrada pelo próprio Kellner, inclusive sua resistência inicial ao estilo intelectual de White. É tentador defini-lo simplesmente como um seguidor de Hayden White, e essa filiação é real; mas Kellner não se tornou um epígono de *Metahistory*. O que herdou de White foi, sobretudo, uma autorização para ler de outro modo e para colocar a forma no centro da análise (White, 1973).

Essa passagem aparece muito cedo em sua produção. "*Time Out: The Discontinuity of Historical Consciousness*", publicado em *History and Theory* em 1975, já interrogava a consciência histórica pelas operações de seleção, destruição e ausência de informação. "*Disorderly Conduct: Braudel's Mediterranean Satire*" (1979) lia a arquitetura de O Mediterrâneo, de Fernand Braudel, não como simples invólucro estilístico de uma interpretação, mas como parte de seu trabalho cognitivo; e "*A Bedrock of Order: Hayden White's Linguistic*

[1] Historiador. A.B. em História pela Harvard University (1966) e Ph.D. em História pela University of Rochester (1972). Professor emérito do Departamento de Inglês da North Carolina State University (NCSU), Raleigh, Estados Unidos. E-mail: hdkellne@ncsu.edu. ORCID: https://orcid.org/0009-0001-0859-2042 .

Humanism" (1980) transformou o antigo professor em objeto de uma leitura simultaneamente próxima e crítica (Kellner, 1975; Kellner, 1979; Kellner, 1980). A própria carreira institucional se organizou nessa zona de fronteira: Kellner trabalhou em Humanidades, História, Inglês e Retórica, ensinou Freud e psicanálise e terminou ligado ao Departamento de Inglês da North Carolina State University. Sua trajetória materializa aquilo que, na entrevista, chama de "grande migração": teóricos do discurso histórico passaram a circular entre História, Literatura, Filosofia e Retórica. Em seu caso, isso não significou abandonar a historiografia, mas ampliar o repertório de perguntas dirigido a ela.

Language and Historical Representation: Getting the Story Crooked, de 1989, condensa esse programa. O subtítulo - "entortar a história", em oposição à expectativa de "contá-la direito" - não celebra erro ou falsificação; recusa a fantasia de uma linha reta entre acontecimento e representação. Os documentos importam, mas não chegam ao texto já organizados como história. É preciso selecionar, hierarquizar, figurar, dar começos e finais, estabelecer ritmos e relações. Representação, assim, torna-se o ponto forte de sua obra: não uma cópia imperfeita de uma realidade ausente, mas a operação por meio da qual uma multiplicidade de vestígios se torna legível. A recepção posterior ajuda a evitar a caricatura de relativismo. Verónica Tozzi Thompson interpreta quatro décadas de produção kellneriana como uma recuperação da narrativa que é, decisivamente, uma recuperação da retórica; Kellner evita tanto o fundacionalismo quanto um determinismo linguístico que transformaria toda mediação em distorção (Tozzi Thompson, 2019). Nicolás Lavagnino, no mesmo dossiê dedicado ao autor, insiste que esse narrativismo excede a simples repetição de White e descreve o conhecimento historiográfico como prática retórica, contestável e argumentativa (Lavagnino, 2019).

É quando o objeto impõe limites morais extremos que essa concepção de representação mostra sua densidade. Em "*Never Again Is Now*" (1994), Kellner enfrenta a representação do Holocausto em diálogo com Berel Lang e Hayden White. O argumento não dissolve o extermínio na linguagem; parte, ao contrário, da obrigação de lembrar e da constatação de que a memória histórica precisa assumir alguma forma. Nenhuma forma, porém, é automaticamente segura ou definitiva. Narrar produz escolhas, fechamentos e riscos, e reconhecer esses riscos é parte da responsabilidade do historiador (Kellner, 1994). Na entrevista, mais de duas décadas depois, ele reafirma esse núcleo: não há saída simples da linguagem, mas isso não torna todas as representações equivalentes. A exigência é crítica,

ética e estética. O problema deixa de ser encontrar uma linguagem perfeitamente transparente e passa a ser examinar o que uma determinada forma faz com o passado, quais possibilidades abre e quais silencia.

A interlocução com Frank Ankersmit torna essa posição ainda mais clara. Kellner e Ankersmit organizaram *A New Philosophy of History*, em 1995, volume decisivo para uma agenda preocupada com narrativa, voz autoral e representação histórica (Ankersmit; Kellner, 1995). Ankersmit aprofundaria depois uma teoria da representação e, em Sublime Historical Experience, deslocaria a discussão para uma experiência do passado pensada como anterior ao conhecimento e capaz de tensionar linguagem, verdade e representação (Ankersmit, 2001; Ankersmit, 2005). Kellner acompanha esse movimento sem aderir à ideia de que se possa alcançar facilmente um "além" da linguagem. Ewa Domańska ocupa posição semelhante nesse mapa: entrevistou Kellner em Encounters, colocou-o ao lado de White, Ankersmit, Georg Iggers e Jörn Rüsen e, mais tarde, organizou com Ankersmit e Kellner *Re-Figuring Hayden White* (Domańska, 1998; Ankersmit; Domańska; Kellner, 2009). Quando Domańska avança para materialidade, objetos e pós-humanismo, Kellner reconhece a mudança de agenda, mas testa seu limite: como tornar a linguagem secundária se a própria teoria precisa escrever, argumentar e persuadir?

Esse ceticismo não impediu que sua reflexão avançasse para suportes cada vez mais distantes da historiografia acadêmica convencional. Em "*However Imperceptibly: From the Historical to the Sublime*" (2003) e "*Beyond the Horizon: Chronoschisms and Historical Distance*" (2011), temporalidade, distância e sublime deslocam o foco para fraturas e descontinuidades. Em "*Is History Ever Timely*?" (2014), Kellner discute pintura, cinema e vídeo para mostrar que montagem, justaposição e parataxe produzem formas de temporalização que a narrativa cronológica tende a esconder (Kellner, 2003; Kellner, 2011; Kellner, 2014). É nesse percurso que ganha sentido a referência, na entrevista, a uma palestra em Ouro Preto iniciada com *Pokémon Go* e com a relação entre o jogo e memoriais históricos. Mesmo sem que esse exemplo tivesse necessariamente se convertido em artigo publicado, o tema é coerente com sua obra: realidade aumentada, geolocalização e imagem digital sobrepõem camadas de presente e passado e obrigam a perguntar como um lugar histórico é representado e experimentado. O objeto muda; o problema permanece.

Kellner diz gostar de começar textos e palestras com algo visual, atual e "não entediante". Não se trata apenas de um recurso

de estilo. Uma placa diante de uma sinagoga fornece o título de um ensaio sobre o Holocausto; Botticelli abre uma reflexão sobre distância histórica; filmes, jogos e interfaces digitais forçam novos vocabulários para falar de narrativa. Essa atenção à cultura visual torna explícita uma tese que atravessa sua produção: o passado nunca chega ao presente sem uma forma de entrega. Página, arquivo, museu, pintura, cinema, jogo ou realidade aumentada não são recipientes intercambiáveis. Cada suporte seleciona, organiza, aproxima e afasta. Por isso, a retórica em Kellner não é ornamento acrescentado depois da pesquisa; é um modo de estudar as condições pelas quais algo pode aparecer como conhecimento histórico. A mesma preocupação retorna em "*For an Impractical Past*", no qual ele chama atenção para possibilidades que existiam num presente passado, mas desaparecem quando a narrativa retrospectiva faz do acontecido um resultado aparentemente inevitável (Kellner, 2026).

A entrevista de 28 de outubro de 2016 registra, portanto, uma carreira estruturada na esteira de Hayden White, mas construída por deslocamentos próprios. White aparece como professor, amigo e interlocutor central; Ankersmit e Domańska, como parceiros e pontos de tensão; LaCapra, Barthes, Rorty, Rüsen, Auerbach e Frye integram um campo mais amplo de referências. No centro, permanece uma teoria da leitura e da representação. Kellner não pretende ensinar aos historiadores a fórmula de uma boa história; procura tornar menos automática a maneira como lemos histórias já escritas e as imagens do passado que continuam sendo produzidas. É essa continuidade – do texto histórico à cultura visual, da crítica de Braudel e White ao Holocausto, ao sublime e até à realidade aumentada - que faz de sua obra algo mais duradouro do que um documento da "era do giro linguístico". O giro pode ter passado enquanto novidade geracional; as perguntas que ele tornou possíveis, para Kellner, continuam abertas.

Entrevista

Entrevista realizada por Felipe Radünz Krüger em 28 de outubro de 2016.

Entrevistador

Professor Kellner, primeiro, muito obrigado pelo seu tempo comigo. Acho que devemos pedir desculpas porque nosso inglês não é muito bom, mas estamos tentando melhorá-lo.

A primeira pergunta é sobre o senhor. Gostaríamos que fizesse uma apresentação de si mesmo, destacando cidade de nascimento, idade e outras questões. Se possível, fale também de sua trajetória na universidade, de seu interesse pela História e, posteriormente, pelos estudos da linguagem. Explique um pouco suas pesquisas iniciais no mestrado e no doutorado.

Hans Kellner

Bem, eu nasci em 1945, há muito tempo, em Pittsburgh, Pensilvânia. Quando eu era jovem, muito jovem, comecei a me interessar por História. Tive bons professores na escola e fui para a Universidade Harvard, onde me formei em História.

Era a época da Guerra do Vietnã e havia o recrutamento militar. Ao mesmo tempo, eu me casei e comecei uma família. Depois de me formar em Harvard, fui para a pós-graduação em História Europeia, História Europeia Moderna.

Fui para a Universidade de Rochester como estudante de pós-graduação, aluno de doutorado. Era uma situação muito interessante naquele momento, em 1966. Havia muita atividade política acontecendo na universidade, mais do que na maioria das universidades americanas de hoje, talvez algo mais parecido com o que está acontecendo no Brasil.

O Departamento de História estava de certo modo dividido entre os professores tradicionalistas e os estudantes que os seguiam, de um lado, e um grupo de professores mais jovens, que faziam perguntas mais teóricas e eram percebidos como um pouco perigosos, de outro. E, se você fosse com eles, suas chances de conseguir um emprego não eram tão boas. Bem, eu não fui com eles.

Eu permaneci bastante tradicional. Um dos professores de lá, porém, era Hayden White. E lembrem-se: isso era em 1966. Portanto, muito antes de ele escrever Metahistory ou fazer qualquer uma daquelas coisas. Era mais o estilo dele que era não tradicional.

Ele era muito... bem, tinha muito carisma. Nos seminários dele, eu achava as ideias muito desafiadoras. Eu não gostava muito do que ele estava fazendo. Não era o tipo de coisa em que eu pensava quando pensava em História. De qualquer modo, ele deixou a universidade depois de dois anos, depois dos dois anos em que eu estive lá.

Continuei meu trabalho sobre um pensador social francês do século XIX chamado Frédéric Le Play. E, quando obtive meu diploma, não havia empregos. Isso foi em 1972, e justamente por volta daquele ano a profissão mudou.

A História Intelectual, a História das Ideias, área em que eu trabalhava, de repente passou a ser vista como uma espécie de coisa reacionária. Não acho que ela tenha se recuperado, jamais, exatamente da mesma maneira. E a História Social, a história dos grupos, a História das Mulheres, a História do Trabalho, depois a História Afro-Americana, depois a História Gay, qualquer coisa desse tipo, tornou-se o tipo de área que os departamentos procuravam.

Estou exagerando um pouco, mas a minha história é a seguinte: eu não encontrei trabalho. Então dava algumas aulas aqui, algumas ali, mas não eram empregos de verdade. E ouvi falar de uma bolsa de um ano na Wesleyan University. Hayden White fazia parte disso. Bem, talvez eu esteja me adiantando.

Em certo momento, minha amiga, que já há muitos, muitos, muitos anos é minha esposa, disse: “Há uma conferência no Canadá, não muito longe de onde estamos, sobre romantismo e historicismo, e esse sujeito de quem você vive falando, Hayden White, vai fazer a conferência principal”. Ela disse: “Nós temos que ir”.

Eu disse: “Não, eu não quero ir”. E ela disse: “Não, mas nós temos que ir”. Eu disse: “Não, eu não quero ir”. Então fomos.

Quando chegamos lá, ele entrou, caminhou pelo corredor, olhou para mim e disse: “Hum, o que você está fazendo aqui?”. E eu disse: “Vim ouvir você”. Ele disse: “Certo, venha falar comigo depois da conferência”. Foi muito difícil conseguir falar com ele porque havia muita gente ao redor, mas consegui vê-lo um pouco e ele me disse para manter contato. Voltei no verão de 1973.

Aquele foi o ano em que Metahistory foi publicado. Li alguns dos livros a partir dos quais ele vinha trabalhando, Northrop Frye, por exemplo, Erich Auerbach, e todo o meu projeto inicial mudou. Coloquei o trabalho da dissertação de lado — embora estivesse concluído, deixei-o de lado. Eu pretendia escrever um ensaio sobre Freud, e aquilo mudou.

Tornou-se um ensaio completamente diferente, chamado “Time Out: The Discontinuity of Historical Consciousness”. Eu o terminei e o enviei para White. Para encurtar a história, ele foi publicado em History and Theory. Foi minha primeira publicação, “Time Out”, e as pessoas repararam nela. As pessoas começaram a prestar atenção e, usando aquele artigo, eu finalmente consegui meu primeiro emprego, que não era em História.

De qualquer modo, também pude passar um ano na Wesleyan University, com Hayden White no corredor ao lado, e isso foi muito útil para mim. Lá consegui escrever mais alguns ensaios. Eu sempre fui um escritor de ensaios, não alguém de grandes projetos.

No fim daquele ano, houve um seminário de verão do National Endowment for the Humanities, no Colorado, sobre estética, com filósofos, historiadores, estudiosos de literatura, artistas, todo tipo de gente. Vivemos todos juntos durante seis semanas em uma casa de fraternidade feminina, numa situação de dormitório, e estudiosos muito importantes passavam por lá o tempo todo para falar.

Tanto para mim quanto para minha esposa, aquilo foi realmente formativo. Estar exposto a pessoas de outras disciplinas, sobretudo das áreas literárias e filosóficas, foi muito importante para mim.

Nesse ponto, finalmente consegui um emprego na Michigan State University, no Departamento de Humanidades, ensinando a alunos de graduação uma disciplina obrigatória que combinava História, Filosofia e Arte. E aquilo foi maravilhoso. Eles tinham que cursá-la.

O primeiro trimestre ia da Antiguidade à Idade Média; depois, do Renascimento ao início da Modernidade; e depois, o período moderno. Fiz isso durante catorze anos. Foi muito útil para me dar uma espécie de formação ampla em cultura ocidental. Durante esse tempo, continuei escrevendo ensaios e avançando na carreira.

Consegui estabilidade na Michigan State, e outros departamentos começaram a me perguntar se eu iria dar disciplinas para eles. Eu ensinava Psicanálise; ensinava Freud no Departamento de Inglês, por exemplo. No fim desse período, o Departamento de Humanidades foi sendo desativado, e todos nós fomos redistribuídos. Eu podia escolher entre o Departamento de Inglês/Literatura ou o Departamento de História e, por alguma razão, escolhi História.

Então fui para lá e ofereci alguns seminários sobre historicismo alemão, Tocqueville e pós-modernismo. Esse é o começo da minha carreira. Naquela altura eu já era professor titular, já havia percorrido os diferentes níveis da carreira. Eu tinha saído da História em sentido estrito e não me vejo como um... O que mais posso lhes dizer?

Entrevistador:

Segunda pergunta. Agora gostaríamos de nos concentrar em sua produção intelectual e em seu diálogo com pesquisadores de diferentes áreas. Suas principais contribuições estão relacionadas ao papel da retórica e da linguística na compreensão histórica e na narrativa histórica.

Esse debate ganhou impulso nos anos 1970, tornou-se mais forte nos anos 1980 e 1990 e, nos últimos quinze anos, parece ter perdido proeminência. Considerando que seu livro Language and Historical Representation foi publicado em 1989, como o senhor reflete

sobre esses debates quase trinta anos depois? O que considera ter sido sua contribuição e até que ponto ela afetou essas discussões?

Hans Kellner:

Bem, acho que a descrição de sua sobre o que aconteceu é muito precisa. Foi um acontecimento dos anos 1970 e 1980. E, nos últimos quinze anos, tornou-se algo que as pessoas querem ultrapassar.

Acredito que, em discussões intelectuais como essa, a ideia de gerações é muito importante. E a maior parte do trabalho feito naquela época foi realizada por pessoas que nasceram com uma diferença de dois anos em relação a mim.

Entre, digamos, 1943 e 1947, eu poderia citar seis ou sete pessoas e, se pensasse mais, provavelmente outras. Pessoas interessadas nessas questões, influenciadas por Hayden White, que era quase velho o bastante para ser pai da minha geração.

Depois de nós, vieram outras pessoas e elas perceberam que grande parte da discussão já havia sido feita. Aplicar o tipo de leitura que vínhamos fazendo dos textos históricos clássicos a outros textos históricos clássicos, pouco a pouco, deixou de parecer tão interessante para elas.

Além disso, toda a questão retórica, o giro linguístico, passou a ser tomada como pressuposto. Já não era algo que você precisava procurar, defender, argumentar, raciocinar até chegar a ele, demonstrar. Simplesmente era assumido desde o início. Acho que minha geração considerou muito irritante o fato de as pessoas poderem começar justamente do ponto ao qual nós tínhamos trabalhado tanto para chegar. Mas era assim.

E a pergunta é sempre: onde estão as recompensas? Acho que algumas revistas nos anos 1970 e 1980 eram mais abertas a certos tipos de trabalho. Isso vale para a Literatura e também para a História. Acho que aconteceu algo que eu chamei de “Grande Migração”.

Isto é, as pessoas que escrevem sobre discurso histórico, em sua maioria, já não estão na História. Estão na Filosofia, nos Estudos Religiosos, nos departamentos de Literatura. Os próprios historiadores, porém, têm sido muito resistentes ao tipo de trabalho de que vocês estão falando, aquele que nós fazíamos.

E, ao mesmo tempo, embora eu não vá discordar de vocês quando dizem que, nos últimos quinze anos, isso perdeu proeminência, também não perdeu realmente a proeminência, porque não foi de fato substituído por outra coisa. Estamos, penso eu, de maneira ampla nas Humanidades, numa época em que a teoria não é nem de longe

tão intensa, excitante, importante e transformadora quanto era nos anos 1970 e 1980.

Aquela foi a era da teoria, e isso não acontece o tempo todo. Talvez tenha sido apenas uma situação singular, geracional e tudo o mais.

Como mencionei em Ouro Preto há dois meses, há aquilo que se chama “passado prático”. Bem, isso vem de Hayden White. Não se pode pensar em Hayden White sem pensar em todo esse conjunto de ideias. E penso que a ideia de “ir além do giro linguístico” – para usar uma expressão que emprego deliberadamente – seria boa, mas não acho que alguém tenha sido muito eficaz em fazê-lo.

Ankersmit tenta fazer isso com a ideia de experiência histórica. Outras pessoas tentam com uma espécie de pós-humano, pós-humanismo e, vocês sabem, perguntando se a História precisa de animais e muitas outras coisas que eu não acho tão interessantes.

Então penso que esse lado linguístico, até mesmo literário, continua forte, num mundo em que a maioria das pessoas envolvidas nisso não são historiadores praticantes. Vejam, isto é realmente sobre leitura. É uma teoria da leitura. E o que mais me interessa é como ler. Portanto, eu jamais vou explicar aos historiadores como eles deveriam escrever História.

Meu Deus, eles fazem um trabalho maravilhoso. Mas a questão é: como se lê História? Não sabemos responder à maioria das perguntas importantes. Quem lê História? Por que lê História? O que é História? Quais textos históricos? Como eles se relacionam com outras formas de leitura? A leitura está desaparecendo? Há futuro para livros grandes de qualquer tipo?

Será que a História tal como a conhecemos é algo criado pela existência de arquivos estatais, fundados nos anos 1830 e 1840, e depois pelas instituições fundadas nos anos 1860, e agora está desaparecendo porque tudo foi digitalizado e simplesmente há informação demais para pensar em evidência e fontes da mesma velha maneira?

Esses são alguns dos meus pensamentos sobre isso. A História, tal como a conhecemos, é histórica. Portanto, ela passa a existir e se transformará em outra coisa.

Entrevistador:

Ótimo. Sobre o giro linguístico: o senhor costuma ser apresentado como um admirador de Hayden White desde o início de sua carreira...

Hans Kellner:

Não, não desde o início.

Entrevistador:

Há, em nossa relação com ele e com suas ideias, também uma espécie de temor. Qual é o caráter desse movimento? Como ele se desenvolveu? Por que o senhor acha que existe tanta resistência a estudos que colocam ênfase na linguagem? Por que as pessoas temem tanto os termos "verdadeiro" ou "verdade", sobretudo quando são empregados de uma maneira que não é simplesmente documental?

Hans Kellner:

Bem, quando escolhi a expressão "giro linguístico" – lembrem-se de que, no workshop que dei na semana passada, observei que aquilo era quase uma piada –, mencionei uma situação em Berlim em que o reitor que concedia a White um título honorário disse que, como um estudante havia dito a outro, "ele nos trouxe o giro linguístico". E todos nós rimos, porque isso não poderia ser literalmente verdade.

Mas escolhi essa expressão porque assim teria a oportunidade de falar de outros "giros" e porque a ideia de um giro é algo que White usa às vezes. O giro linguístico, é claro, é um acontecimento do século XX que começa na Filosofia. Vocês podem ler sobre isso na Wikipédia. Mas poucas pessoas haviam pensado o texto histórico como escrita.

Pensado, digamos, na forma do texto, antes de Metahistory. Havia Northrop Frye, que fez uma referência breve a isso. Havia Roland Barthes, que escreveu um ensaio brilhante sobre isso.

Mas, na maior parte dos casos, quando se encontrava um livro chamado, por exemplo, Style in History, de Peter Gay, ou outros livros sobre escrita, eles estavam apenas falando de pessoas que contam histórias maravilhosas. Não estavam realmente se envolvendo com o texto da maneira como os estudiosos da literatura começavam a fazer naquele momento.

Portanto, o giro linguístico em que penso diz respeito a uma relação muito mais próxima com as palavras efetivamente colocadas na página. Eu mencionei que, quando White publicou Metahistory, foi criticado por não compreender Karl Marx.

E ele disse: "Tudo o que estou fazendo é citá-lo, citar as palavras de Marx e dizer: isto é o que ele disse". Mas diziam: "Não, não, não, não. Temos que olhar para isso em termos do movimento inteiro, do marxismo e assim por diante". O giro linguístico queria descobrir o que estava efetivamente sendo dito.

Então acho que essa atenção muito próxima à palavra, ao texto e, mais tarde, à forma de argumentação, à narrativa, à narratologia, ao narrativismo, foi importante para o giro linguístico tal como eu o entendo. Da minha perspectiva, trata-se simplesmente de prestar atenção à linguagem como um conteúdo em si mesma.

E acho que isso é algo de que muita gente não gostava por princípio. Diziam: “Ah, sim, tudo bem, mas o que realmente importa não é a forma, é o conteúdo”, e nunca compreenderam inteiramente a relação entre as duas coisas. Ao mesmo tempo, não foram treinados para fazer isso.

Nunca nos sentimos confortáveis quando há algo que não sabemos fazer, e acho que esse é o resultado. Então dizem: “Bem, eles não são realmente historiadores. Eles não são realmente nós. Nós fazemos isto; nós não fazemos aquilo”.

Vejamos. Sim, meu livro foi publicado em 1989, e muitos dos ensaios que estão nele haviam sido publicados muito antes, remontando aos anos 1970.

Então eu me pergunto: ainda há alguma coisa válida no livro e nesses ensaios? Eu nunca voltei muito a eles, mas, quando volto, penso: sim, são bem bons. Algumas coisas, em termos da leitura deste ou daquele autor, penso que aqueles ensaios, aquelas coisas, são muito boas.

Acho que o ensaio sobre Braudel é bom, e o ensaio “Time Out”, aquele que mencionei como meu primeiro, também está lá. Penso que esse trabalho, talvez justamente por causa da perda de proeminência dessas discussões, permanece como algo para o qual as pessoas ainda podem olhar e dizer: “Isso vale a pena pensar”. Vai ser publicado em espanhol, vocês sabem, no ano que vem.

Entrevistador:

Sim.

Hans Kellner:

Espere, havia mais uma coisa aqui. Qual foi minha contribuição? Eu diria, no conjunto, que foram alguns dos meus ensaios que chamaram a atenção das pessoas. Não sei se consigo lembrar quais foram.

Certamente, o ensaio sobre Braudel foi muito importante para mim. Eu estava visitando a Wesleyan University, onde havia passado um ano anteriormente, e fui aos escritórios de History and Theory. Eles haviam me pedido, antes, que escrevesse um ensaio sobre O Mediterrâneo, de Braudel, uma “resenha de resenhas”.

Não um ensaio sobre o próprio livro, mas um ensaio sobre as resenhas do livro. Bem, eu já tinha feito isso antes. Então voltei e disse: “Eu não quero escrever uma resenha de resenhas. Quero escrever um artigo”. Eu precisava escrever algo importante, e não algo sem importância. Então revisei a literatura na primeira metade do ensaio e, na segunda metade, peguei uma ou duas ideias e mergulhei numa leitura do texto. Quando o enviei, ele tinha um título.

Não se chamava “Review of Reviews”. Chamava-se “Disorderly Conduct: Braudel’s Mediterranean Satire”. Então eles tinham uma questão, uma preocupação, uma decisão a tomar: deveriam publicar aquela “resenha de resenhas” com um título que mudaria toda a série de “resenhas de resenhas”, ou deveriam simplesmente chamá-la de “Review of Reviews” e assim por diante? Eles gostaram do texto. Bem, publicaram com o título, e esse foi um ensaio importante.

Ao mesmo tempo, quando voltei lá, disseram: “Vamos fazer uma conferência sobre Metahistory, de Hayden White, em fevereiro, e uma das seis pessoas que convidamos para participar disse que seu médico afirmou que, se ele passasse mais algum tempo pensando em Metahistory, teria outro ataque cardíaco, porque odiava o livro a esse ponto. Então, você faria isso?”.

Eu era consideravelmente menos avançado na carreira, menos proeminente do que as outras pessoas do grupo. Então disse: “Claro”. E escrevi um ensaio sobre Hayden White. Como ele se chamava mesmo? Chamava-se “A Bedrock of Order”.

Eu sempre retiro meus títulos de uma frase da obra daquilo que estou estudando. E White havia usado a expressão “a bedrock of order” para se referir a alguns estudiosos do Renascimento. Então escrevi “A Bedrock of Order: Hayden White’s Linguistic Humanism”. Quando todos estávamos nos reunindo para a conferência, ele entrou na sala pelo outro lado, passou por todo mundo, e todos o cumprimentavam, o felicitavam, o beijavam e assim por diante. Finalmente, ele veio até mim.

Isso foi depois de um dos meus jovens colegas, que também estava na conferência, ter me dito algo como: “Seu artigo... não, você foi longe demais. Acho que foi longe demais”. E White veio até mim e disse: “Gostei do seu artigo, Hans. É melhor do que eu mesmo teria conseguido fazer”.

Eu diria que o ensaio sobre Braudel e “A Bedrock of Order”, o primeiro ensaio sobre Hayden White, foram os que tiveram mais influência, porque, de repente, eu tinha uma espécie de marca, se vocês entendem o que quero dizer.

As pessoas sabiam quem eu era. Eu podia estar numa fila para comprar ingresso para a ópera em Paris – isso aconteceu de verdade – e, quando me virei, olhei para um casal algumas posições atrás na fila e reconheci o rosto de um grande historiador, Georg Iggers. Fui até ele e me apresentei. Ele disse: “Ah, você é Hans Kellner”. E disse à esposa: “Este é o sujeito que escreveu aquele ótimo texto sobre estruturalismo”.

Fiquei bastante surpreso por ele se lembrar. E era o ensaio sobre Braudel. Então foram esses textos que fizeram as pessoas começarem a conhecer meu nome.

Entrevistador:

Professor, recentemente parece haver uma tendência a falar do giro linguístico no passado: o que foi o giro linguístico? Que efeitos ele teve sobre o conhecimento histórico? E assim por diante.

Isso se relaciona a certas afirmações de que precisamos ultrapassar o giro linguístico e voltar aos arquivos. Por outro lado, há historiadores e pensadores como Ewa Domańska que também dizem que precisamos ultrapassar o giro linguístico, mas não para voltar aos arquivos; e sim porque existe todo um conjunto de novas questões que o giro linguístico seria inadequado para tratar.

Com isso em mente, o que o senhor pode dizer sobre os destinos do giro linguístico décadas depois das contribuições de Barthes e White?

Hans kellner:

Bem, pensem no que significa fazer uma virada. Quando você vira, acabou. Se a virada não parar, você fica girando em círculos, sem parar.

Então, logicamente falando, uma virada precisa ser algo que acontece, e somente outra virada pode colocá-lo numa direção diferente.

Parece-me, portanto, que, se houve algo como um “giro linguístico” – que é apenas uma metáfora para descrever muitas pessoas diferentes fazendo seus próprios trabalhos –, ele aconteceu e pode seguir em tantas direções quantas forem as pessoas que trabalham a partir dele.

Não sei se “voltar aos arquivos” é uma maneira de evitar o giro linguístico, porque as pessoas que trabalham nos arquivos podem ser igualmente afetadas por ele, e são, se quiserem.

Se o giro linguístico é, como eu o vejo, uma maneira de ler, uma maneira de ler textos de modo diferente, como Dominick LaCapra

talvez diria, então, sejam textos de arquivo, textos históricos ou o que for, qualquer historiador tradicional pode participar disso e aprender com isso. Acho que muitos – na verdade, a maioria – hoje, em cursos de metodologia, são expostos a Hayden White e a outras pessoas desse tipo.

Domańska, é claro, quer se afastar inteiramente da linguagem, mas não em termos de experiência, como Ankersmit, e sim em termos de objetos, certo? Ela pensa que os objetos têm uma história, pensa que os objetos têm almas, pensa, quando se trata de escolher nossos ancestrais: por que não escolher uma pedra como ancestral? Esse tipo de coisa.

Ela trabalha com a arqueologia das coisas ou a antropologia das coisas, pelo menos até onde eu a compreendo. Mas, de fato, ela quer ultrapassar o giro linguístico. É claro que é tremendamente influenciada por Hayden White. Escreveu livros sobre ele e assim por diante. E o próprio Hayden White diz: “Por que eles não estão fazendo alguma coisa nova? Por que ainda estão falando de mim?”.

As coisas deveriam mudar. Esse era justamente o interesse do chamado giro linguístico e dessas ideias – Barthes e White, em certa medida Rorty e outros. Para a minha geração, era algo novo, algo diferente. Mostrava que existiam possibilidades que não nos haviam sido ensinadas antes.

Agora as pessoas precisam descobrir que novas possibilidades existem. E espero que você faça isso.

Entrevistador:

Então, professor, pensando nisso: ainda precisamos de um giro linguístico? Ele mudou fundamentalmente o conhecimento histórico? Ou foi um caminho que se desviou e precisa retornar ao curso principal?

Hans kellner:

Não, não acho que tenha se desviado. Penso que a consciência de que vivemos na linguagem, de que pensamos na linguagem, de que a narratividade é o substrato fundamental de todo significado, de que as formas nas quais pensamos, escrevemos e organizamos a História nos são dadas pelo nosso próprio tempo e lugar e de que elas mudam, de que são históricas – penso que todas essas noções são muito importantes e continuam atuais.

Não acho que alguém vá negar essas coisas.

Mesmo que elas não mudem conscientemente a direção de um projeto de pesquisa ou de um livro, penso que, ainda assim, mudaram fundamentalmente o pensamento histórico. E elas têm muitos caminhos

diferentes, levam a muitos lugares diferentes. Ainda há muitas perguntas a serem feitas.

E eu não vejo o "giro linguístico" como um campo que precise durar para sempre, como a Arqueologia. Foi apenas uma espécie de acontecimento lento que mudou a maneira como uma geração de pessoas pensava e trabalhava, que nos levou a escrever ensaios diferentes, a olhar para temas diferentes.

E deixem que a próxima geração, ou as próximas duas ou três, encontrem seus próprios malditos temas, está bem?

Entrevistador:

O senhor é um intelectual extremamente erudito e trabalha com uma gama muito ampla de objetos e abordagens, de Pokémon Go à historiografia chinesa. Minha pergunta é sobre linguagem e narrativa.

Isso é universal nas culturas não ocidentais? Outras histórias, inscritas em outros textos, podem ser compreendidas da mesma maneira ou há especificidades, outros artefatos e outros códigos?

Hans kellner:

Bem, primeiro, o Pokémon Go.

Normalmente tento começar meus ensaios com alguma coisa visual, atual e que não seja entediante. Então, no trabalho que apresentei em Ouro Preto, foi Pokémon Go, porque eu vinha lendo alguns artigos sobre Pokémon Go e memoriais históricos.

Não fiquei particularmente entusiasmado com a parte do Pokémon Go naquele texto. Mas, mais tarde, quando escrevi outro ensaio meu, muito forte – Anderson Vargas o mencionou –, chamado "Never Again Is Now", o ensaio sobre o Holocausto, peguei o título de uma placa em frente a uma sinagoga à qual eu estava indo e pensei: "Vou usar isso como título".

Eu também me referi ao acontecimento daquele momento. Minha sobrinha estava fazendo seu bat mitzvah, se me lembro bem. Então há isso. E, texto após texto, essas coisas funcionam quase como marcas temporais: isto aconteceu aqui.

Um dos meus artigos favoritos é "Beautifying the Nightmare: The Aesthetics of Postmodern History". Eu realmente gostaria de vê-lo publicado em algum outro lugar – e por que não em português? – porque a revista para a qual o escrevi durou, acho, apenas dois números ou algo assim. Mas gosto muito dele.

Eu começo com esse equívoco de todo mundo falando sobre novas décadas, novo século, isto e aquilo, como se estivesse prestes

a começar, e o início do ano 2000 – ou 1990, não me lembro. Mas não: o novo século começa em 2001, como digo no fim do ensaio. Bem, coisas desse tipo são simplesmente a minha maneira literária de começar os textos.

Quanto à universalidade da linguagem e da narrativa: sabemos que a linguagem é universal, e essa é uma pergunta difícil.

A narratividade e as formas de emplotment, de composição do enredo, são universais ou são culturalmente específicas, convenções próprias da cultura ocidental desde o Renascimento?

Eu sempre senti que, muito provavelmente, elas são universais. White sempre sustentou que são estritamente convencionais. Por isso, ele evitou ir longe demais ou reivindicar qualquer autoridade específica fora da literatura, da cultura e da História ocidentais.

E, para além disso, eu simplesmente não sei. Da mesma forma, não tenho condições de falar e pensar sobre o não ocidental com autoridade. Jörn Rüsen, o historiador alemão, trabalha há muitos anos para aproximar Oriente e Ocidente.

Acho que foi há um ano, talvez um ou dois, em novembro, que ele organizou uma conferência em Taiwan e me convidou. Deveríamos falar sobre maneiras ocidentais e orientais de pensar nossos principais conceitos.

Achei muito interessante – essa é a referência à historiografia chinesa que vocês fazem – perceber, primeiro, o quanto os chineses são profundamente confucianos. Mesmo os chineses comunistas. Tínhamos historiadores da China comunista e historiadores taiwaneses. E, de alguma forma, a historiografia chinesa clássica e antiga era a chave.

Acho que talvez porque, depois do fim da historiografia tradicional, veio a historiografia comunista, que passou como um rolo compressor sobre o pensamento. Então eles voltaram à tradição, ao que era politicamente perigoso discutir. Fiquei muito impressionado com o fato de estarem lidando com esses conceitos antigos e assim por diante. Em certo momento, chegamos à pergunta: o que é uma boa História?

E os chineses pareciam saber imediatamente. Boa História é a História escrita por uma boa pessoa. É assim que se sabe que a História é verdadeira. Infelizmente, eu me manifestei e disse: “Espere um minuto, espere um minuto. Eu sou muito pouco chinês”. Acho que devem ter pensado que eu era um americano muito rude. Talvez seja verdade. E perguntei: como sabemos que um historiador é uma boa pessoa?

Nunca li um artigo em que houvesse, numa nota de rodapé ao final, algo como: “O autor deste artigo recebe B+ em moralidade ou “C- em moralidade”, entendem? Não temos nenhum meio, dentro do próprio texto, além do ethos da escrita, da própria peça discursiva, que de algum modo nos informe sobre a virtude do autor.

Para eles, isso é também uma tradição: este autor é uma boa pessoa porque a tradição nos diz isso. Enquanto, quero dizer, o melhor recurso que temos é a retórica antiga. Aristóteles nos diz que o ethos é aquilo que se lê ali, no discurso. Não é o fato de você ser um ancião da aldeia ou um nobre que demonstra que você é uma grande pessoa. Não. Isso precisa aparecer na retórica, no discurso.

Então é tudo o que temos, penso eu. Mas essa foi uma situação que me fez perceber que existem diferenças fundamentais que estou muito longe de compreender e que provavelmente nunca compreenderei. Por isso, é melhor não ser rápido demais ao pressupor coisas. Rüsen é um homem muito otimista.

E ele tenta, é muito idealista, mas não acho que tenha feito um progresso enorme nesse ponto.

Quanto ao texto narrativo audiovisual: quando ensino teoria narrativa na pós-graduação, muita gente se interessa por jogos, por gaming, por narrativa cinematográfica e assim por diante.

E me parece que aquilo com que estamos realmente lidando são maneiras de falar sobre produções artísticas e tecnológicas, isto é, linguagens que colocamos sobre essas produções.

A linguagem clássica da narratologia é um excelente ponto de partida, mas as pessoas dos estudos de cinema querem ir além da narratologia. Querem inventar sua própria linguagem. Os franceses tentaram fazer isso nos anos 1970 e 1980.

E inventaram muitas linguagens diferentes para falar sobre textos narrativos audiovisuais e até sobre textos não narrativos – se você acredita que existe tal coisa. Então, sim, há muitas linguagens diferentes que podem ser empregadas para falar sobre essas coisas.

Você precisa escolher aquela que conhecem e que lhes interessa, e precisam ser capazes de defendê-la. Mas também é bom tentar aprender algum outro código, alguma outra maneira de falar sobre as coisas. Hayden White é bom nisso. Ele simplesmente diz: “Cante alguns compassos e eu consigo improvisar o resto”. Enfim.

Entrevistador:

Certo. Ótimo. Professor, próxima pergunta.

Recentemente, algumas teorias ligadas ao presente ganharam força na teoria da História. Embora sejam diferentes entre si, várias compartilham a ideia de que seria preciso ir além da linguagem.

Em seu artigo de 1994, “Never Again Is Now”, o senhor discute a possibilidade de representar o Holocausto e a busca de alguns autores por um fundamento estável a partir do qual representar acontecimentos históricos extremos. O senhor sustenta que não existe uma fundação definitiva, apenas tentativas de estabelecer narrativas sobre esses acontecimentos.

O senhor ainda mantém essa posição? Diante das teorias formuladas nos últimos anos, qual deveria ser o papel da reflexão sobre a linguagem quando ganham espaço ideias que colocam forte ênfase na própria materialidade?

Hans kellner:

Minha resposta é sim. Ainda acredito nisso. A pergunta está muito bem formulada. Acredito absolutamente nisso. E percebo que, até a conferência que dei na segunda-feira em Curitiba, continuo dizendo a mesma coisa.

Essa noção de que existe um fundamento definitivo para um acontecimento, de que existe um “o que realmente aconteceu”, é tão problemática, tão difícil de sustentar.

Existe a ideia de que algo não precisaria ser colocado numa... bem, precisa ser colocado numa forma linguística, mas não precisaria ser colocado na forma de uma narrativa, de uma história, de um emplotment: os fatos, simplesmente, bastariam. Eu não acredito nisso. Nunca acreditei.

Agora, daqui a uma semana, se algum dia eu conseguir voltar para casa, na Carolina do Norte, o homem, o filósofo que mais fortemente expressou essa ideia durante muitos e muitos anos e escreveu muitos livros sobre o assunto, vai visitar minha universidade. Ele falará na minha turma, eu o apresentarei e assim por diante, e poderemos conversar sobre isso.

“Never Again Is Now” foi, em certa medida, uma resposta ao trabalho dele. Então estou ansioso para conversar com ele de novo. O nome dele é Berel Lang, L-A-N-G, e ele escreveu muito sobre a ética da representação do Holocausto. Ele tem, ou tinha, uma posição oposta à minha.

Minha posição em “Never Again Is Now” é que todos nós estamos presos à linguagem, que não podemos escapar dela, que há

razões institucionais para isso e que precisamos continuar contando a história de tantas maneiras quanto possível.

Ele poderia argumentar que, quando isso acontece, existem vários resultados ruins possíveis, e tenho certeza de que ele está certo. Mas eu não vejo alternativa. Então continuo achando correto aquilo que disse, em última instância, no final de “Never Again Is Now”.

Agora, a ênfase na materialidade em si, em oposição à representação linguística, eu não compreendo.

Não compreendo como alguém como Domańska pode falar sobre materialidade como se isso, de algum modo, desafiasse nossa dívida primordial com a linguagem enquanto seres humanos. É a linguagem que nos torna humanos, não o fato de sermos criaturas materiais.

Pelo menos é o que penso. Eu poderia discutir comigo mesmo a respeito disso de um ponto de vista freudiano. Mas, mesmo assim, penso que, quando ela quer ser material, senta-se diante de seu processador de texto e começa a escrever.

Entrevistador:

Certo. Ultimamente, seja por meio dos estudos de arquivo, seja por outras pesquisas sobre o tempo, a noção de experiência tem aparecido de forma recorrente. Essa noção também acabou sendo trazida para os historiadores e relacionada à ideia do sublime. Gostaria que o senhor explicasse um pouco mais qual é sua visão do sublime histórico.

O sublime histórico é algo real, algo importante? Qual é o papel dele? Há muitas teorias que afirmam existir diversos elementos fora da linguagem. Essa também foi, por exemplo, uma questão presente em debates envolvendo Hans-Georg Gadamer e outros autores. Na sua visão, existe algo fora da linguagem? Experiências traumáticas, por exemplo, são todas mediadas pela linguagem? Há alguma maneira de escapar dela?

Hans kellner:

Eu não sei.

Minha compreensão do sublime histórico é que existem muitas raízes para o sublime histórico, muitas formas diferentes.

Ankersmit fala dessa experiência inefável, para além da linguagem, e a ideia do sublime certamente parece oferecer uma maneira de ultrapassar a linguagem. Mas eu penso nisso em termos do terror, dessa dimensão emocional que surge quando reconhecemos

um ponto no tempo. Como gosto de dizer: em 1789, ninguém poderia compreender ou sequer imaginar o que aconteceria nos quatro anos seguintes. Mas, em 1794, tudo já havia acontecido, tudo havia mudado, e todos conseguiam explicar.

É a capacidade de explicar retrospectivamente coisas que você nem sequer conseguiria imaginar olhando para a frente que cria, para mim, uma espécie de terror sublime. Porque isso é uma forma de embelezamento, em termos kantianos. É por isso que acho que meu ensaio "Beautifying the Nightmare" trata dessa questão de outra maneira.

Quanto ao trauma, quero deixar que outras pessoas escrevam sobre trauma.

Mas, aqui novamente, o trauma é uma espécie de pós-acontecimento. Quando você olha para trás e vê um acontecimento que estava lá, um entre muitos e muitos, ele aparece e, de repente, adquire um novo significado.

Acho que Lacan escreveu muito sobre trauma e sobre essas coisas, e não sei se elas são mediadas pela linguagem. Às vezes Freud sugere que são.

Mas penso que o trauma, tal como o compreendo, funciona de uma maneira que certamente pode ser representada por uma teoria narrativa. Essa ideia de analepsia, de olhar para trás, de backshadowing e coisas desse tipo, de encontrar significado: o trauma é altamente literário.

Mas, como digo, isso não é algo sobre o qual eu tenha pensado muito profundamente.

Entrevistador:

Em seus estudos de retórica há um retorno aos textos dos antigos e à importância da retórica. Em seus textos sobre o passado prático, o senhor propõe não a exclusão do passado como história das ideias, mas uma reformulação do que poderíamos chamar de história imaginativa. Essa história imaginativa pressupõe necessariamente uma retomada da retórica?

Hans kellner:

Bem, antes de tudo, considero que a retórica é quase uma reinvenção do século XX.

Ela foi redescoberta depois de ter sido marginalizada desde aproximadamente meados do século XVIII até o início do século XX.

Enquanto o mundo da tecnologia e das massas se erguia, não precisávamos desse estudo formal da persuasão e assim por diante. Era uma questão de classe.

Mas, depois da Segunda Guerra Mundial, o estudo da retórica – o que significa, em primeiro lugar, a retórica clássica, embora não apenas ela – voltou a crescer. Eu estava conversando com vários estudiosos da retórica na Croácia sobre isso. O estudo da retórica foi revivido na Europa e, especialmente, nos Estados Unidos.

Por muitas razões. E ele conserva uma relação muito estreita com suas raízes originais de 2.500 anos atrás.

Mais do que qualquer outro discurso, a retórica moderna conserva ethos, pathos, logos, invenção, disposição, estilo, memória, apresentação, todos os diferentes cânones e modos, porque continuam sendo muito úteis como uma linguagem inicial para falar e abordar praticamente qualquer coisa, audiovisual ou o que for. Aristóteles lhe dará alguma linguagem a partir da qual começar a falar.

Então acho isso muito útil e importante.

E não tenho certeza do que você quer dizer com “história imaginativa”. Todos os enredos históricos, todas as formas históricas apelam à imaginação e a uma espécie de mundo do sonho.

No fim das contas, tudo tem a ver com como as coisas podem ser resolvidas, como as partes podem ser reunidas. Portanto, há um aspecto onírico em tudo isso. White chama a atenção para isso. “Onírico”: ele usa essa palavra grega estranha, relacionada ao sonho, em termos de interpretação.

E ver um acontecimento como trágico ou como cômico – ou ver os mesmos acontecimentos como trágicos ou cômicos, dependendo de onde você traça a linha no final – é uma questão decisiva. Por exemplo, você pode pegar o Holocausto: muitas histórias sobre o Holocausto acabam sendo, em última instância, histórias cômicas, porque no final um sobrevivente alcança uma vitória. E é ali que a história termina.

É ali que o filme termina. Estou pensando no filme recente Woman in Gold. É um desfecho feliz? Sim. Ela recupera a pintura que os nazistas roubaram de sua família e a recupera de um governo austríaco muito desagradável.

Então temos um desfecho cômico, uma resolução que reúne as coisas a partir de uma experiência extremamente horrível. E a história poderia ter sido contada de inúmeras outras maneiras.

Precisamos, portanto, estar abertos ao fato de que existem histórias imaginativas – mas todas as histórias são imaginativas, certamente no sentido de que sempre existem opções a serem tomadas,

escolhas a serem feitas. White sempre diz que essas escolhas, sempre disponíveis, só podem ser feitas em bases morais ou estéticas.

Lang diz que, em termos de responsabilidade, em alguns casos – no Holocausto – não há escolhas. Não há escolha. Você não consegue ir além do significado nu desses acontecimentos. E acho que eles estão, na verdade, falando de coisas diferentes.

Entrevistador:

Obrigado. Obrigado.

Na primeira parte do seu workshop aqui em Porto Alegre, o senhor falou sobre Hayden White e Metahistory. Uma das questões é que 1973 também foi um momento de intensa politização. Hoje também parecemos viver tempos fortemente politizados, e a chamada virada ética oferece um caminho para pensar essas questões.

O que o senhor pensa sobre a política em Hayden White e em Metahistory? E acha que nós, pesquisadores, devemos explicitar uma posição política, ou isso seria necessário hoje?

Hans Kellner:

Acho que, quando conheci Hayden White pela primeira vez, era o momento mais político de que consigo me lembrar em toda a minha vida, entre 1966 e 1968. Ele e todos os historiadores do Departamento de História da Universidade de Rochester eram muito ativos, envolvidos ativamente no movimento contra a guerra, nos protestos e assim por diante.

E havia discussões sobre maoísmo, trotskismo, todas as diferentes vertentes, sobre se os comunistas russos eram melhores do que os comunistas chineses. Lembro-me de todas essas discussões.

Acho que, se alguma dessas coisas, se aquela política tivesse entrado em Metahistory, nós não estaríamos lendo o livro hoje. Teria datado o livro completamente.

Nunca conversei com White exatamente sobre por que o livro é tão... Bem, ele fala de política o tempo todo, mas é a política dos séculos XVIII e XIX, a política de Burckhardt. É um livro histórico. Ele não está tentando fazer uma declaração política naquele livro, nem, penso eu, na maior parte de seus ensaios.

Eu o ouvi dizer a pessoas mais jovens: “A política não vai resolver seus problemas. Não coloquem sua fé na política”. Ao mesmo tempo, ele é ativo. Quero dizer, eu sei quem ele apoiou nas primárias presidenciais. Agora, não sei em quem ele... Sim, sei, é claro que sei. Mas não sei em quem ele vai votar de fato.

Sei em quem ele não vai votar. Mas, não, sua política pessoal não é secreta e também não é terrivelmente pouco convencional. Só não acho que ele tenha hoje o mesmo tipo de interesse na política que nós tivemos um dia.

Acho que existe uma percepção de que o político tem enormes limitações quanto ao que realmente pode fazer e quanto ao que realmente importa. Essa é a minha impressão.

Como disse, se isso tivesse entrado em Metahistory, Metahistory seria uma obra muito menos interessante. Seria uma obra que automaticamente se dataria.

Entrevistador:

Sim. Ótimo. Última pergunta.

Para o senhor, quais são as preocupações éticas que os historiadores deveriam ter? Essas preocupações também passam por questões estéticas, além da discussão das fontes?

Hans Kellner:

Bem, suponho que a primeira preocupação ética que os historiadores deveriam ter é não me ouvir.

Mas, falando sério, acho que eles deveriam aprender a seguir seu próprio caminho. Descubram o que admiram e pensem por que admiram. Sejam cuidadosos, mas ativos ao imitar. Imitem o que é bom.

Peguem algo daqui, algo dali e dali para reunir ideias em seu próprio trabalho. Tentem fazer as coisas de modo diferente, mas sempre reconhecendo o contexto em que trabalham. São coisas bastante básicas, mas sigam seu próprio caminho. Não deixem que as pessoas lhes digam o que fazer se vocês não acham que aquilo é a coisa certa. É basicamente isso.

Quanto à estética, lembrem-se de que, tanto no mundo ético quanto no mundo estético, o progresso ocorre não tornando a imagem cada vez mais exata, mas produzindo cada vez mais imagens.

Sim, terminamos. Acabou. Certo.

Entrevistador:

Muito obrigado.

Hans Kellner:

Ótimo.

REFERÊNCIAS

ANKERSMIT, F. R. **Historical Representation**. Stanford: Stanford University Press, 2001.

ANKERSMIT, F. R. **Sublime Historical Experience**. Stanford: Stanford University Press, 2005.

ANKERSMIT, Frank; KELLNER, Hans (org.). **A New Philosophy of History**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

ANKERSMIT, Frank; DOMAŃSKA, Ewa; KELLNER, Hans (org.). **Re-Figuring Hayden White**. Stanford: Stanford University Press, 2009.

DOMAŃSKA, Ewa. **Encounters: Philosophy of History after Postmodernism**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1998.

KELLNER, Hans. Time Out: The Discontinuity of Historical Consciousness. **History and Theory**, v. 14, n. 3, p. 275-296, 1975.

KELLNER, Hans. Disorderly Conduct: Braudel's Mediterranean Satire. **History and Theory**, v. 18, n. 2, p. 197-222, 1979. DOI: https://doi.org/10.2307/2504756.

KELLNER, Hans. A Bedrock of Order: Hayden White's Linguistic Humanism. **History and Theory**, v. 19, n. 4, p. 1-29, 1980. DOI: https://doi.org/10.2307/2504886.

KELLNER, Hans. **Language and Historical Representation: Getting the Story Crooked**. Madison: University of Wisconsin Press, 1989.

KELLNER, Hans. 'Never Again' Is Now. **History and Theory**, v. 33, n. 2, p. 127-144, 1994. DOI: https://doi.org/10.2307/2505381.

KELLNER, Hans. However Imperceptibly: From the Historical to the Sublime. **PMLA**, v. 118, n. 3, p. 591-596, 2003.

KELLNER, Hans. Beyond the Horizon: Chronoschisms and Historical Distance. **History and Theory**, v. 50, n. 4, p. 38-50, 2011. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1468-2303.2011.00602.x.

KELLNER, Hans. Is History Ever Timely? **Rhetoric Society Quarterly**, v. 44, n. 3, p. 234-242, 2014. DOI: https://doi.org/10.1080/02773945.2014.911560.

KELLNER, Hans. For an Impractical Past. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 18, e2447, p. 1-30, 2026. DOI: https://doi.org/10.15848/hh.v18.2447.

LAVAGNINO, Nicolás Alejo. Consecuencias del narrativismo: alegoría, argumentación y retórica en la filosofía de la historia de Hans Kellner. **Páginas de Filosofía**, v. 20, n. 23, p. 116-140, 2019.

TOZZI THOMPSON, Verónica. Hans Kellner: cuatro décadas Getting the Story Crooked. **Páginas de Filosofía**, v. 20, n. 23, p. 92-115, 2019.

WHITE, Hayden. **Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.